Universidade de São Paulo

Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

Departamento de Ciências Florestais

**Curso temático de extensão**

**“Plantas fantásticas! Pelo jardim, na cozinha até a farmácia”**

****

Constancia Nery – *Onde estou*

Óleo sobre tela, 60 x 100cm

**Proponentes**

Michelle Gorgone

Alessandra Voigt

Piracicaba, novembro de 2017.

***Meditação à Beira de um Poema***

*Podei a roseira no momento certo*

*e viajei muitos dias,*

*aprendendo de vez*

*que se deve esperar biblicamente*

*pela hora das coisas.*

*Quando abri a janela, vi-a,*

*como nunca a vira,*

*constelada,*

*os botões,*

*alguns já com o rosa-pálido*

*espiando entre as sépalas,*

*jóias vivas em pencas.*

*Minha dor nas costas,*

*meu desaponto com o limite do tempo,*

*o grande esforço para que me entendam*

*pulverizaram-se*

*diante do recorrente milagre.*

*Maravilhosas faziam-se*

*as cíclicas perecíveis rosas.*

*Ninguém me demoverá*

*do que de repente soube*

*à margem dos edifícios da razão:*

*a misericórdia está intacta,*

*vagalhões de cobiça,*

*punhos fechados,*

*altissonantes iras,*

*nada impede ouro de corolas*

*e acreditai: perfumes.*

*Só porque é setembro.*

*Adélia Prado*

Sumário

[1. Contextualização: A universidade real e a universidade dos sonhos 1](#_Toc497085645)

[2. Marco conceitual 2](#_Toc497085646)

[2.1. A universidade pública 2](#_Toc497085647)

[2.2. Extensão: oportunidade de diálogo entre universidade e comunidade 3](#_Toc497085648)

[2.3. Plantas úteis: a importância do conhecimento popular 4](#_Toc497085649)

[3. Justificativa 5](#_Toc497085650)

[4. Proposta pedagógica 6](#_Toc497085651)

[5. Informações gerais e conteúdo do curso “Plantas fantásticas! Pelo jardim, na cozinha até a farmácia” 7](#_Toc497085652)

[6. Referências (Completar) 10](#_Toc497085653)

# 1. Contextualização: A universidade real e a universidade dos sonhos

Estudantes, professores, sociedade, comunidades. Quando se diz “universidade”, o que lhes vêm à mente? Como enxergam a universidade atual e como a idealizam?

Desejariam os professores que seus alunos fossem mais participativos ou complacentes? Prefeririam os estudantes uma passagem rápida que os habilitassem prontamente para o trabalho ou a construção reflexiva do conhecimento respeitando-se suas limitações e aptidões?

O que espera a sociedade? Que sua finalidade maior seja a produção de artefatos e conceitos prontamente aplicáveis ou que seja um local de liberdade de pensamento e questionamento?

A universidade é capaz de formar comunidades com entes não relacionados a ela? Quantas comunidades abriga em seu interior? Haveria a possibilidade de transformarmos uma sociedade heterogênea em uma grande comunidade? As universidades públicas e privadas deveriam possuir diferentes finalidades? O sistema de seleção das universidades públicas é justo e permite igualdade de oportunidades entre seus mantenedores – no caso, o próprio povo?

Em cada universo particular será encontrada uma resposta distinta para tais questionamentos. O fato é que, apesar dos inúmeros avanços que promoveram um acesso mais amplo às universidades, ela ainda é um ideal distante para grande parte da população, sendo muitas vezes vista como um local para poucos privilegiados, seja pela dificuldade de acesso devido à elevada concorrência ou pelas mensalidades restritivas.

No exercício de refletirmos sobre a universidade atual e em qual seria o caminho para nos aproximarmos do nosso conceito de universidade ideal – mais includente, diversa, com equidade de acesso e nas relações, que respeitasse as diversas formas de inteligência e aprendizagem, em suma, uma universidade mais humana e transformadora – pensamos que o primeiro passo seria promover sua aproximação com comunidades não relacionadas à ela. Para isto, focamos inicialmente em um dos seus pilares - tão importante quanto negligenciado - **a extensão**. No entanto, não pensamos em uma extensão assistencialista ou meramente “fornecedora” de cursos, mas sim que estes fossem utilizados como instrumento de aproximação entre as pessoas, como forma de despertar a reflexão sobre nossos modos de vida, ocupação de espaços, relações interpessoais, a educação propriamente dita, dentre outros inúmeros aspectos da vida.

Desta reflexão nasceu a proposta da realização de um curso temático sobre plantas úteis (ornamentais, alimentícias, medicinais), por ser um tema comum à vida de todos e com o qual facilmente nos relacionamos e nos interessamos. Inicialmente focado nas comunidades urbanas mais periféricas do município de Piracicaba, seriam ambientados tanto em locais familiares aos participantes (centros comunitários, praças) como na própria universidade. Os propositores/ministrantes do curso passariam a ser os pontos de referência da comunidade na universidade, passando a ser uma presença “amiga” em um ambiente de pouca familiaridade. Da mesma forma, os participantes seriam os “amigos” da universidade na comunidade. Quanto mais cursos fossem realizados, mais amizades e relações seriam estabelecidas entre os membros da universidade e das comunidades, quiçá entre diferentes comunidades, criando-se uma rede afetiva de apoio mútuo em uma época marcada pelo individualismo. Isto é o que aspiramos com a proposição deste curso temático, o qual seria realizado experimentalmente com o objetivo de avaliar a receptividade e participação das pessoas, bem como os ajustes necessários para promover uma maior integração entre os participantes.

# 2. Marco conceitual

## 2.1. A universidade pública

No Brasil, as universidades públicas são vistas por grande parte da população como territórios distantes, com ingresso e participação restritos a uma camada privilegiada da sociedade. O ingresso realizado unicamente pelos exames vestibulares contribuiu para a segregação de alunos que tinham disponibilidade de tempo e condições financeiras de frequentarem cursos preparatória dos alunos oriundos de escolas “comuns”, que muitas vezes dividiam seu tempo entre estudo e trabalho.

Os cursos mais concorridos e, portanto, considerados de maior prestígio (medicina, direito, engenharias) eram ocupados em sua maioria por indivíduos com histórias de vida, classe social, etnia e valores pouco diversos, produzindo ambientes universitários com grande homogeneidade de pensamentos, crenças e objetivos. O ingresso das classes menos favorecidas ocorria, em sua maioria, nos cursos menos concorridos e geralmente voltados à docência, tais como história, matemática, filosofia, dentre outros. Neste contexto, apesar de existir uma possibilidade - ainda que restrita - de ingresso nas universidades públicas, quando adentravam seus muros viam seus espaços de atuação confinados em pequenos “guetos”. Desta forma, embora estivessem na universidade, muitas vezes não participavam efetivamente dela.

Criado em 1998 com o objetivo de avaliar o domínio de competências pelos estudantes concluintes do ensino médio, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) evoluiu ao longo do tempo para se estabelecer como um mecanismo de democratização do acesso às políticas públicas de educação. Por ser um exame nacional, sem as particularidades de exames regionalizados de ingresso às universidades, promoveu um aumento das possibilidades dos alunos ingressarem nas universidades distribuídas pelo país. Ao participarem do exame, os estudantes passaram a ter acesso a programas de financiamento estudantil (FIES), bolsas de estudo integrais e parciais em instituições particulares de ensino superior (ProUni), bem utilizarem a nota obtida no exame na seleção de universidades e institutos federais de educação.

Em 2008, a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF) a partir de unidades regionais de ensino técnico promoveu o fortalecimento e organização do ensino profissionalizante e superior a partir da utilização de estruturas, demandas e conhecimentos regionais preexistentes. Os cursos oferecidos em cada unidade possuíam estreita relação com as atividades desenvolvidas na região, oportunizando a qualificação através de um ensino gratuito e de qualidade nos níveis técnico, superior e em alguns casos, de pós-graduação. Além de aumentar a oferta de cursos superiores à população, deixou de ser imprescindível o deslocamento para grandes centros urbanos para frequentá-los.

Finalmente, o estabelecimento do sistema de cotas raciais e sociais a partir de meados dos anos 2000 ampliou o acesso às universidades públicas aos alunos que se mantinham às margens do sistema de seleção realizado unicamente via vestibular.

No entanto, mesmo com os significativos avanços realizados no processo de ingresso e manutenção dos estudantes nas universidades públicas, muitas ainda são vistas com distanciamento pela população em geral. As universidades e cursos considerados tradicionais ainda apresentam pouca diversidade em sua composição, sendo este fator determinante para a manutenção do pensamento dominante ao longo do tempo.

## 2.2. Extensão: oportunidade de diálogo entre universidade e comunidade

O primeiro registro de extensão universitária ocorreu na Inglaterra no Século XIX, através de cursos de curta duração e atividades voltadas não apenas às camadas populares, mas à população adulta em geral (Morais, 2011). As universidades americanas passaram em seguida a praticar a extensão por meio de serviços nas áreas rural e urbana. Constituíram-se assim dois modelos de extensão, sendo um baseado na realização de cursos (modelo inglês) e outro de caráter mais assistencialista, centrado na prestação de serviços (modelo americano) (Morais, 2011).

A inclusão da extensão como um dos pilares básicos da universidade, juntamente com o ensino e a pesquisa, foi uma reivindicação do movimento estudantil argentino na Reforma Universitária de Córdoba, em 1918 (Morais, 2011). Com isso, os estudantes argentinos firmaram um marco decisivo ao incluir a universidade no desenvolvimento regional e nacional.

No Brasil, entre os anos de 1960 e 1964, os estudantes vinculados à União Nacional dos Estudantes (UNE) trabalharam no sentido de promover a extensão de forma independente da universidade. Este trabalho baseava-se na troca de experiências entre estudantes e profissionais já formados, por meio do atendimento às comunidades carentes e seguida de uma reflexão sobre as ações desenvolvidas. Com a participação de professores e técnicos, o conhecimento acadêmico era levado à comunidade, que por sua vez enriquecia o conhecimento com experiências práticas que fomentavam o debate, com foco nos problemas das classes populares do país (Morais, 2011). Através desta prática, ocorreu uma mudança na concepção da extensão, a qual se voltou para as classes populares não mais com enfoque meramente assistencialista, mas com a intenção de conscientizá-las sobre seus direitos, assumindo um papel de transformação social.

Sendo assim, a extensão como função social pode ser entendida como um instrumento de validação do conhecimento produzido nas universidades, permitindo a produção coletiva de um saber com potencial para promover o desenvolvimento econômico, social, cultural e político (Morais, 2011).

## 2.3. Plantas úteis: a importância do conhecimento popular

O conhecimento sobre as plantas e a forma adequada de uso das espécies são produtos de anos de experimentação e troca de informações entre aqueles que compartilham a cultura e as crenças de um determinado local (Guimarães, 2016).

Dentre o rol de plantas consideradas úteis, as plantas medicinais são capazes de despertar o interesse dos mais variados grupos de pessoas. Por seu caráter agregador, é um tema que estimula a troca de experiências e a valorização do conhecimento de cada um dos envolvidos, voltando-se para a promoção do bem estar, seja pela utilização profilática ou terapêutica. Falar sobre as farmácias vivas do SUS

As plantas ornamentais são plantas cultivadas principalmente para apreciação de sua beleza, sendo utilizadas para adornar e ornamentar espaços internos e externos. Podem ser utilizadas devido à determinadas características conspícuas de suas partes, sejam as flores, folhas ou caules, promovendo um estímulo visual deleitante com suas cores, formas e texturas diferenciadas. Quando aromáticas são capazes de afetar a percepção e se associarem a memórias e experiências de forma indissolúvel, sendo comum a busca por plantas cujo aroma remete a sentimentos ou momentos de vida específicos, por exemplo, o cheiro de uma planta no jardim dos avós ou da casa da infância. Uma simples planta abriga o potencial de despertar sentimentos confortantes, fundindo-se às novas experiências ou despertando as já vividas.

As plantas utilizadas na alimentação, sejam as convencionais ou não convencionais[[1]](#footnote-2), também compõem a identidade das pessoas. A introdução de plantas por migrantes e imigrantes em uma determinada região mostra a necessidade de incorporar sabores familiares para relembrarem suas origens. Muitas plantas consideradas não convencionais para uma região podem ser de uso comum a outra, à exemplo da utilização de ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata* - Cactaceae) na culinária mineira. Além disso, o desenvolvimento das pesquisas no campo das PANC’s poderá auxiliar no fornecimento de alimentos nutritivos e frescos, facilmente cultiváveis e com baixo custo de produção.

A disseminação do consumo de alimentos processados sem que haja qualquer vínculo com sua fonte de origem é preocupante não apenas do ponto de vista nutricional, mas também para a formação da identidade do indivíduo. Neste aspecto, a construção de hortas comunitárias poderia promover um aprimoramento das relações interpessoais, a formação e o resgate da identidade dos indivíduos, bem como promover uma ocupação mais justa dos espaços.

À despeito de sua aparente simplicidade, a difusão do conhecimento sobre plantas úteis pode ser o início de um processo de modificação social, uma vez que poderá estimular a reflexão sobre inúmeros temas, tais como hábitos (alimentares, de consumo, hobbies), aproveitamento de espaços (busca de locais para a realização de cultivos individuais e comunitários), percepção sobre uso e ocupação do solo (espaços para arborização, presença de áreas que não cumprem sua função social), relações de trocas entre indivíduos (conhecimento, plantas, cuidado mútuo), dentre outros.

# 3. Justificativa

Promover a aproximação entre universidade e comunidade através da realização de encontros em espaços públicos, voltados à troca de experiências sobre o tema “plantas úteis”. A escolha do tema fundamentou-se no interesse que determinadas plantas despertam na comunidade em geral, com destaque para as de utilização medicinal, conferindo-lhe um caráter agregador. A iniciativa é voltada principalmente às comunidades mais periféricas, distanciadas da universidade tanto em termos espaciais quanto vivenciais. A seleção do espaço físico priorizará áreas públicas já estabelecidas e próximas do local, a exemplo dos centros comunitários, com o objetivo de valorizar o espaço de convívio dos participantes, bem como iniciar os encontros em um ambiente que lhes seja familiar. Também serão incorporados locais públicos diversos, desde praças até a própria universidade, para que sejam trabalhados princípios de pertencimento, direito de participação e reivindicação de ocupação dos espaços públicos enquanto cidadãos.

Através desta ação busca-se dar um pequeno passo na construção de uma universidade mais humanizada, que acolha a população e dela se aproxime, transformando-a e deixando-se ser transformada por ela.

# 4. Proposta pedagógica

O curso será realizado seguindo uma abordagem participativa e prática, fundamentado na troca de experiências e sensações entre os membros da comunidade, de modo que o conteúdo seja significativo para os participantes. A duração dos temas inicialmente propostos poderão ser flexibilizados de acordo com os interesses manifestados ou observados durante os encontros. Quando necessária, a abordagem de conteúdos técnicos será realizada de forma simplificada e lúdica, sempre que possível com a utilização de modelos didáticos, adequando-se ao conhecimento prévio e possíveis carências dos envolvidos.

Ao final de cada encontro serão confeccionados cartazes com os pontos considerados de maior interesse. Ao final, os cartazes servirão de base para a elaboração de um material que retrate o curso de forma resumida, englobando as técnicas, histórias e todos os aspectos que valorizem a construção coletiva em questão, sendo o mesmo distribuído para os participantes.

Será elaborada uma pesquisa junto à prefeitura, secretarias municipais e centros comunitários sobre as atividades previamente desenvolvidas na comunidade, com o objetivo de realizar um diagnóstico para definir as ações necessárias direcionadas à união de esforços e buscas por parcerias e fontes de recurso. O trabalho será conduzido por bairros para respeitar as diferentes realidades locais, adequando-se o conteúdo ou a abordagem sempre que necessário.

# 5. Informações gerais e conteúdo do curso “Plantas fantásticas! Pelo jardim, na cozinha até a farmácia”

Carga horária: 24 horas, distribuídas em 8 encontros de 3 horas.

Unidade: Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiróz”

Modalidade: Curso temático

Tipo: Presencial

Público-alvo: Comunidade em geral.

Pré-requisito: Não há.

Investimento: gratuito.

Objetivo: Compartilhar e valorizar o conhecimento acerca da utilização de plantas de interesse nas comunidades do município de Piracicaba, através da aproximação e interação com membros da universidade (professores e alunos de graduação e pós graduação). Com o compartilhamento dos saberes, pretende-se ampliar o conhecimento sobre as plantas e promover melhorias nos espaços públicos e privados, seja pela ocupação e aproveitamento de áreas por meio da implantação de locais de cultivo ou pela consciência do direito de utilização de espaços públicos, nos quais se inclui a própria universidade.

Local e frequência: Encontros semanais aos sábados, das 14h30 às 17h30min, no Centro comunitário do bairro e Campus da ESALQ.

Inscrições: presenciais (?)

Número de vagas: 15 vagas, podendo ocorrer ampliação de acordo com a demanda.

**Conteúdo**

* **Primeiro encontro: *Conhecendo as pessoas*.**

Levantar as expectativas a respeito do curso. O que pretendem conhecer, o que já sabem, quais são as fontes de informação. A partir deste diagnóstico replanejar ou consolidar os demais módulos, aumentando ou reduzindo o tempo destinado a cada tema, bem como a abordagem pretendida.

* **Segundo encontro: *Que mato é esse? Embelezar, cheirar, enfeitar, comer, tratar*.**

Utilização da análise sensorial para conhecer e reconhecer as plantas.

Com os olhos vendados tentar reconhecer as plantas ou partes delas (folhas, frutos, sementes) através do toque, cheiro, sabor.

Incluir exemplos de plantas de cada categoria: ornamentais, aromáticas, alimentares, etc. As conversas serão focadas nas memórias das plantas que de alguma forma marcaram a vida dos participantes (cheiro, cor, sabor, envolvimento de entes queridos). Registrar as histórias e frases associadas à cada planta.

Prática: experimentação de plantas (folhas, sementes, frutos), chás.

* **Terceiro encontro: *A plantinha do quintal que trata o meu mal.***

Plantas medicinais: plantas mais conhecidas, plantas nativas pouco utilizadas, suas propriedades, utilização. Levantamento das necessidades e histórias de cada participante. Cuidados no cultivo, preparo, consumo, conservação e armazenamento. Riscos envolvidos no uso.

Prática: Plantio de muda em um recipiente reutilizado e personalizável (ex. garrafas PET, latas de alimentos) para que sejam levadas para casa, preferencialmente de uma planta com propriedades que a pessoa tenha demonstrado algum interesse no encontro anterior (estômago, calmante, etc). Registrar as informações das necessidades de cada participante para fundamentar a elaboração de um projeto individual ou coletivo de um Horto medicinal / Relógio do corpo humano[[2]](#footnote-3), dependendo da disponibilidade de espaço ou interesse.

* **Quarto encontro: *A beleza do jardim que floresce em mim.***

Fitocosméticos: como fazer, como conservar, suas propriedades. Direcionar a alternativas que sejam de baixo custo e com risco reduzido de uso, que podem ser facilmente reproduzidas em casa.

Prática: aplicação de máscaras faciais, esfoliações, hidratações.

* **Quinto encontro: *Planta bonitinha, o que faz na minha cozinha?***

Plantas comestíveis usuais e não usuais. Valorização das plantas comumente utilizadas na alimentação (feijão, arroz), valorização dos alimentos frescos e não processados. Desconstrução da associação dos alimentos ao status (“comida de pobre”, “comida de rico”).

Introdução sobre plantas não convencionais com potencial alimentar (PANCs)[[3]](#footnote-4), ocorrência, segurança no consumo. Cuidados na produção e colheita, observação do ambiente de cultivo.

Prática: degustação de sementes, flores, folhas, raízes, tubérculos, caules. Apresentação e degustação de plantas não convencionais.

* **Sexto encontro: *Planta misteriosa, não me diga que é venenosa?***

Plantas tóxicas para animais e humanos. Intoxicações por contato ou ingestão. Conduta em caso de intoxicação ou suspeita, medidas de prevenção. Apresentação de plantas tóxicas comumente utilizadas em casa. Plantas medicinais e dosagem: remédio ou veneno?

* **Sétimo encontro: *As plantas são todas iguais? Como elas funcionam? Do que precisam?***

Noções básicas de fisiologia e metabolismo das plantas. Compostos secundários: o que são, como são produzidos. Relação das práticas de cultivo com a fisiologia: sombreamento, irrigação, produção, aspectos agronômicos.

Local de realização: ESALQ

Prática: visita aos hortos e hortas do campus.

* **Oitavo encontro: *Cuidando da comunidade: Vamos criar uma horta?***

Análise conjunta da possibilidade de instalação de hortas medicinais/alimentares nos centros comunitários ou em outros locais públicos. Caminhada pelo bairro para exercitar a percepção sobre a ocupação, manutenção e cuidado dos espaços públicos e privados. Levantamento dos diferentes interesses dos participantes, disponibilidade de tempo, identificação de possíveis “cuidadores”, elaborar um exercício de simulação de planejamento, rotinas de cuidados e escalas. Caso seja identificado interesse real e a viabilidade de instalação, verificar a possibilidade da ESALQ fornecer mudas e orientações básicas.

Se não houver a possibilidade de instalar uma horta comunitária, trabalhar o desenho de um relógio do corpo individual com garrafas PET (Pereira, 2014).

* **Nono encontro: *O Parque também é seu: abraçando o campus da ESALQ*.**

Encerramento com passeio pelo parque, piquenique, troca de impressões, sentimentos, pontos positivos e negativos, o que poderia ser melhorado, próximos passos. Troca de plantas entre os participantes. Possibilidades de manutenção do contato entre os participantes, criação de um grupo de troca e acompanhamento, possíveis locais e periodicidade dos encontros.

# 6. Referências (Completar)

Guimarães, Mariana Fernandes Monteiro. Plantas úteis em comunidades urbanas**: A importância das espécies exóticas e do gênero na manutenção do conhecimento e uso dos recursos vegetais. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG**. Dissertação (Mestrado). 2016. Disponível em <http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/7061/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Plantas%C3%9AteisComunidades.pdf>.

Morais, Kátia Santos. Um olhar sobre o diálogo entre universidade e comunidade a partir do projeto de extensão Conexão Sisal**. II Ecovale: Encontro de comunicação do Vale do São Francisco: Anais**. v. 1, n. 1. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. 2011. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/anaisecovale/article/view/1152/797>.

1. PANC’s: Plantas Alimentícias Não Convencionais. Podem ser definidas como todas as plantas que poderíamos consumir, mas que ainda não desenvolvemos o hábito de incorporá-las em nossa alimentação. [↑](#footnote-ref-2)
2. Pereira, Maria Cristina Laus. Horto Medicinal – Relógio do corpo humano como ferramenta de aprendizagem intertranscultural. Versão Online ISBN 978-85-8015-079-7. [↑](#footnote-ref-3)
3. Instituto Kairós (Org). Guia prático de PANC. Versão online http://institutokairos.net/wp-content/uploads/2017/08/Cartilha-Guia-Pr%C3%A1tico-de-PANC-Plantas-Alimenticias-Nao-Convencionais.pdf [↑](#footnote-ref-4)